

CRISTIANO MASCARO

textos críticos

A cidade como espetáculo

Rubens Fernandes Junior

Dezembro de 1995

Não podemos ficar indiferentes diante de uma fotografia de Cristiano Mascaro, pois sua obra já representa um dos mais impressionantes e significativos registros iconográficos do nosso tempo. E para entender essa fotografia é necessário conhecer um pouco a trajetória profissional de Cristiano Mascaro, que com seu talento impetuoso e inventivo, sistematizou num imenso caleidoscópio visual a vida contemporânea das cidades brasileiras. Tal qual narrador literário, Cristiano é um atento observador das sutis diferenças do caos das grandes cidades: “seus elementos urbanos me servem como cenário para certas situações que gosto de fotografar e que transcendem a noção de tempo e de espaço”.

Para entender Cristiano é bom relatar seu primeiro contato com a fotografia. Sua infância na cidade de São Paulo, em plena década de 50, registrou a atmosfera da metrópole, ritmada pelo vai e vem dos bondes, dos automóveis, das pessoas já apressadas, dos arranha-céus... Era uma aventura fascinante, e esse incrível cenário lhe proporcionava grandes viagens, carregadas de mistérios e surpresas, que só a vivência e a observação poderiam desvendar.

Sua memória de infância é esse conjunto de imagens latentes do menino maravilhado com a paisagem da cidade, que hoje foram transformados em estímulos para Cristiano gerar e desenvolver um trabalho pessoal tão singular na fotografia brasileira contemporânea.

A fotografia e a arquitetura em sua vida só podem ser compreendidas se entendermos com atenção a importância do acaso que despertou e estimulou sua opção profissional. Apesar da expectativa familiar que o imaginava médico, o adolescente Cristiano ficou entusiasmado quando certa vez, num dia qualquer, voltando do Colégio Rio Branco para casa, se defrontou com um belíssimo casarão na Rua Maranhão. “Jovens sentados nos bancos namorando, um lindo jardim, uma atmosfera que jamais me faria imaginar que aquele lugar pudesse ser uma escola. Olhei para o enorme portão e li surpreso sobre uma placa: Faculdade de Arquitetura”. Pronto! A decisão estava tomada: Arquitetura.

A partir de 1964 tornou-se aluno da FAU-USP. Esse foi o início de um longo processo de aprendizado, descobertas, amizades e experiências. Aulas com Vilanova Artigas, Flávio Motta, João Xavier, Elide Monseglio, Benedito Lima de Toledo, Paulo Mendes da Rocha, Renina Katz, Flávio Império, a efervescência política e cultural de um momento especial para a história do Brasil. Cristiano tornou-se conhecido entre os colegas da FAU, como fotógrafo. Mas, a grande revelação, só aconteceu no meio do curso, diante das dúvidas de um futuro profissional.

A descoberta

Cristiano passava horas na Biblioteca, fugindo das aulas, e foi lá, na caverna que o isolava do mundo, que descobriu que seria fotógrafo, após ver o livro *Images à la Sauvette*, de Henri Cartier-Bresson. Na coleção de imagens de Bresson, ele percebeu que estava diante de algo totalmente novo. Bresson potencializou o uso da fotografia como possibilidade estética e intuitiva de viver aventuras, de desvendar coisas, de conhecer mistérios, de fantasiar a realidade. Esse fascínio foi o impulso final necessário para Cristiano decidir-se pela fotografia. Esta opção fez lembrá-lo das curiosas experiências fotográficas do irmão mais velho, num laboratório improvisado, na antiga residência da rua Wanderley. Mais tarde, como todo estudante universitário dos anos 60, viajou para Bolívia e Perú, no famoso trem da morte, levando emprestada uma câmera PetriFlex do irmão. Nessa sua primeira relação efetiva com o universo da fotografia, registrou a paisagem, o folclore e a pobreza daqueles países.

Cristiano realizou seu primeiro trabalho como profissional, fotografando os ensaios de um espetáculo do Teatro de Arena, dirigido por Augusto Boal. Na sequência, a emoção da primeira fotografia publicada no jornal *Amanhã*, dirigido por Raimundo Pereira, “um operário de bicicleta saindo da fábrica”, recorda.

Essa iniciação através do teatro foi fundamental, pois trouxe a descoberta da subjetividade da “realidade”. Segundo Cristiano “aprendi que existe a realidade e que vou transformá-la em algo que não é mais real: a fotografia. Tenho que transpor essa realidade e criar uma fantasia, um cenário...” E todo esse raciocínio já tinha sido despertado na FAU.

Nessa época, ainda na biblioteca da faculdade, descobriu as revistas *Camera* e *Life*, e os trabalhos e as especificidades de vários fotógrafos, em que se destacavam: o cenário de Kértész, o silêncio de Atget, os retratos de Avedon, Diane Arbus e Irving Penn, o humanismo de Eugene Smith e o impressionante trabalho de Robert Frank.

2

Nasce o repórter fotográfico

No último ano da faculdade, em 1968, Cristiano ganhou um concurso universitário de fotografias. Na comissão de premiação, composta por várias personalidades, estava Cláudia Andujar, fotógrafa da revista *Realidade*, quem ele teve oportunidade de conhecer. Isso foi suficiente para encorajar o jovem fotógrafo a procurá-la meses mais tarde. Com o endereço da fotógrafa publicado num catálogo de uma exposição realizada no Pavilhão do Ibirapuera, e sem aviso prévio, foi direto a sua casa: “lembra de mim?” Sou Cristiano que fez a foto do 1º lugar no concurso da FAU. Queria mostrar minhas fotografias”. Cláudia, com sua paciência e generosidade, solicitou um portfólio, e indicou o jovem e inexperiente fotógrafo para a nova publicação da editora Abril, a revista *Veja*, cujo editor de arte, George Duque Estrada, após análise do material contratou-o quase imediatamente.

Inicia-se o primeiro desafio profissional de Cristiano Mascaro: desenvolver o fotojornalismo numa revista que entrava no mercado com agressividade e novidades. Nesse ambiente que o jornalismo invadiu a vida do fotógrafo, que relata com satisfação as inúmeras reportagens realizadas no Brasil e no exterior. O trabalho mais marcante e tenso, lembrado por Cristiano Mascaro, diante do clima de guerra civil reinante no país, aconteceu quando viajou a Cochabamba, Bolívia, para fotografar o enterro do

boliviano presidente Barrientos. Segundo Cristiano, foi a experiência mais emocionante e perturbadora que teve como repórter fotográfico, sem falar naquela vivida ao lado de Tão Gomes Pinto e Otávio Ribeiro, o Pena Branca, ao traçar o perfil do bicheiro Natal Portela: acabou preso em uma delegacia de Cascadura, em plena zona norte do Rio de Janeiro.

Na revista Veja ele aprendeu quase tudo. O fotógrafo tem que ter disciplina, disposição, vigor físico e coragem para abordar o desconhecido. Aprendeu ainda que a necessidade do fotojornalismo é uma imagem-síntese. Flagrar o essencial, que no caso da fotografia é o momento da mais intensa emoção. Desta fase Cristiano destaca ainda o que ele considera sua primeira fotografia urbana. Um cidadão anônimo emoldurado por enormes pilares de granito preto de um edifício na Praça da Sé.

Após esta experiência, foi morar por dois anos em Paris, período que pouco fotografou, mas que representar outro momento de intenso aprendizado. Nessa época nasceu a sólida amizade que mantém com Sebastião Salgado, que realizava seu Mestrado em Economia. Adorava estar em Paris e apesar de não sentir vontade de fotografar, do pouco que fez podemos destacar a imagem de um homem em desespero no trânsito da cidade, por ocasião da morte de Charles De Gaulle, numa atmosfera estranha e instigante, com forte influência de Robert Frank.

De volta ao Brasil, permaneceu por mais dois anos na revista Veja, até que em 1973, foi convidado para trabalhar no recém criado Laboratório de Recursos Audiovisuais da FAU. Ficou longos catorze anos. Por pouco não ganhávamos mais um burocrata insatisfeito e perdíamos um dos fotógrafos mais brilhantes de sua geração. Simultaneamente (e ainda bem!), foi convidado para proferir palestra sobre fotojornalismo na Enfoco, escola mantida por Clodi Kubrusly, que também o convidou para realizar sua primeira exposição individual denominada Paisagem Urbana. Na Enfoco, conheceu a fotógrafa Maureen Bisilliat, que com sua exigência, rigor, capacidade de organização e edição, transformou e influenciou conceitualmente a fotografia de Cristiano Mascaro. Depois dessa iniciação tornou-se professor da escola.

Outro fato marcante: durante dez anos, de 1976 a 1986, foi professor de Comunicação Visual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos. A convivência com jovens estudantes e com os colegas mais experientes lhe trouxe um novo e fundamental aprendizado, que lhe complementou a formação e o fez descobrir o prazer de ensinar.

Seu envolvimento com a Enfoco possibilitou conhecer também Pedro Martinelli, outra amizade duradoura e importante. Juntos eles desenvolveram um trabalho até então inédito na fotografia brasileira: a documentação do desaparecimento de um pedaço do Brás, tradicional bairro da cidade, decorrente das modificações urbanas e viárias provocadas pela construção do Metrô.

Cristiano usou, pela primeira vez, o equipamento Hasselblad, e a partir desse trabalho, começou imprimir seu potencial criativo. A coerência, a emoção e seu procedimento profissional revelam muita segurança e uma força irresistível na abordagem da cidade. As fotografias dos espaços urbanos e das fachadas já carregam uma luz especial, que posteriormente aprimorada torna-se marca registrada. Aliás, essa maneira de encarar a fotografia como a possibilidade de organização e criação espontânea de um momento é característica do seu modo de ver o mundo.

Os retratos de Cristiano também têm o compromisso de criar uma imagem pessoal e inédita. O retrato dos carregadores de farinha, por exemplo, é fruto da casualidade e da intersubjetividade entre o fotógrafo e seus personagens: “o momento mágico entre mim e os trabalhadores aconteceu quando percebi o potencial do retrato. Fui atraído por aqueles corpos sujos de farinha, pela parede como fundo e pela força natural dos retratados, que sintonizados entenderam a importância do registro e construíram essa pose fantástica, absolutamente imprevisível. O que me fascina na figura humana é exatamente esse duplo papel da criadora e vítima desse estranho universo”.

O estalão poético ocorre exatamente nestes momentos, quando o real, o subjetivo e a emoção entram em fina sintonia. É o momento da celebração, é o momento da tensão. No trabalho do Brás, Cristiano começa a perceber um outro universo da fotografia, desconhecido até então. Novo formato, nova linguagem, nova pesquisa, novas descobertas, novos resultados. Surge o universo da observação, da interioridade inscrita num outro tempo para produção de imagens. Surge a descoberta da fotografia como representação de um conhecimento e nasce o fotógrafo obstinado, que traz para o seu trabalho a inquietação dos nossos tempos, apesar dos rápidos avanços tecnológicos e da simultaneidade das cadeias de informação e entretenimento.

Mesmo que a burocracia da Universidade exigisse a mesmice do Laboratório de Recursos Audiovisuais, coordenado por Cristiano Mascaro, ele sempre procurou desenvolver um trabalho que lhe trouxesse de volta à paixão que a fotografia lhe despertava como possibilidade de expressão. A existência de alguma coisa entre o fotógrafo, sua vida e a realidade, provocou em Cristiano o desejo de encontrar um diferencial para seu trabalho. A paisagem urbana e humana não é convidativa para o olhar apressado e insolente. Ao contrário, ela é fascinante para quem quer interpretar e materializar no tempo, seu valor distintivo, sua atmosfera cultural e sua intimidade social. Por isso, ele ressalta: “sou capaz de dar voltas num quarteirão durante meses, só para perceber as distrações do cotidiano e descobrir imagens”. Só isso já mostra a garra e o entusiasmo que Cristiano tem com seu trabalho.

A cada trabalho realizado fora do Laboratório de Recursos Audiovisuais, driblando os obstáculos da burocracia, mais segurança ganhava e mais se consolidava como um fotógrafo de cidades. Mesmo assim, simultaneamente, concluiu seu Mestrado desenvolvendo um ensaio sobre a Avenida São João, momento que teve a oportunidade de refletir sobre seu próprio trabalho. O uso da fotografia na interpretação do espaço urbano, mostrando a importância dessa linguagem para a formação do arquiteto, que revela uma forma crítica de ver e o estudo do desenvolvimento da percepção a partir da criação de uma imagem fotográfica.

Os trabalhos realizados neste período provocaram uma outra descoberta: fotografar era muito prazeroso e viver da fotografia seria a melhor situação que poderia ocorrer naquele momento. Cristiano conta que apesar do respeito à Universidade, não tinha mais nada em comum com as obrigações exigidas por ela. “A necessidade que sentia como fotógrafo era sair para a rua e fotografar a cidade, o que a Universidade julgava um puro e indevido lazer”, lembra ele.

A experiência como fotógrafo independente

A primeira grande oportunidade de partir para um trabalho independente mais consistente veio com a realização das fotografias para os Relatórios Anuais do Banco Fran-

cês e Brasileiro, em que desenvolveu ensaios livres em seis cidades do país - São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, São Luís, Rio de Janeiro. Em 1988, também assumiu a documentação do restauro do Teatro Municipal de São Paulo, que desencadeou trabalhos semelhantes nos teatros de Manaus e Fortaleza.

Inicia-se então uma nova fase para Cristiano Mascaro. Finalmente sai da Universidade e da crise dos quarenta anos, partindo para novas descobertas. Uma forma de viver, que não é patrão nem empregado; que tem o tempo para administrar; que não pode reclamar; e que tem o privilégio de viver como fotógrafo com dignidade. Uma incrível e estimulante experiência para quem tinha a vontade de acertar fazendo fotografia.

Foi um marco importante e simbólico na carreira do fotógrafo, pois aquele entusiasmo juvenil detonado a partir das imagens de Cartier-Bresson chegara à maturidade. Para Cristiano, a fotografia é encarada como “uma eterna aventura, renovada e revigorada ao longo dos anos de trabalho. As incursões que faço pela cidade observando os edifícios e ruas, percebendo a paisagem se modificar com o andamento da luz, perseguindo as pessoas que caminham por todos os lados, retratando personagens e lugares que jamais conheceria ou sequer perceberia se não estivesse com a câmera fotográfica”.

Em 1989 teve a oportunidade de publicar, pela primeira vez, um livro autoral, *As Melhores Fotos/The Best Photos*, com sucesso na mídia e na crítica. Cristiano deixa claro que trabalha com a câmera como se estivesse criando o seu mundo, a partir de um jogo combinatório que exige um acurado senso de percepção da imagem, assentado em pelo menos três níveis que coexistem no momento do seu registro: o da realidade, o da percepção e o do imaginário sensível. Nada de cenas violentas, da miséria extrema, dos contrastes fáceis e óbvios do real. Ele busca o que ninguém foi capaz de perceber. Instantes efêmeros e fugazes que o acaso iluminou numa fração de tempo e que sua experiência de explorador é capaz de tornar visível.

Esse apurado senso de observação somado à disciplina e à curiosidade, leva o fotógrafo a estar sempre atrás de imagens. Com a câmera, o impulso e a ousadia surgem naturalmente. Para Cristiano, esse momento da transfiguração é um exercício irresistível: “sou capaz de bater na porta de alguém desconhecido e pedir para entrar só para fazer um retrato; na rua, também me encorajo e transformo-me num diretor de cena, convencendo, conversando, fotografando. Aquelas pessoas anônimas, massacradas pelo cotidiano transformam-se em figuras monumentais, dignas e batalhadoras. Merecem nosso respeito”.

Essa ousadia fica evidente no ensaio sobre casas brasileiras, que desenvolveu para a revista *Cláudia* publicado quase integralmente por ocasião do seu 30º aniversário. De Belém até Pelotas, percorreu o país durante quase dois meses, registrando a moradia do brasileiro. Nesse trabalho, que lhe valeu o Prêmio Abril de Fotojornalismo, 1992, está presente toda sua coragem e sua experiência, elaborando um ensaio da mais pura ficção extraído da fascinante idéia de realidade. Os arranjos internos das casas e suas sutis diferenças foram recriados por Cristiano que somente se apropriou do espaço e da luz mágica do momento, para eternizar a simplicidade de um cenário desconhecido e fantástico.

O acaso e o imponderável

Ao anos 90 continuam com boas propostas e o reconhecimento de um trabalho sério, comprometido e preocupado em documentar a vida nas cidades. Não importa se o trabalho é encomendado, pois Cristiano, com seu jeito aparentemente tímido, acaba convencendo sempre que trabalhar com liberdade é condição essencial para se criar algo inovador. Foi assim que realizou uma série de fotografia sobre trabalhadores brasileiros para a campanha publicitária de um banco, concretizando o sonho romântico de voltar a fazer grandes reportagens em 35 mm. Foi também com esse espírito que chegou a ser um dos vencedores da Bolsa Vitae 90 e a desenvolver e defender sua tese de doutorado na USP, A fotografia e a arquitetura cujos resultados são parte deste livro.

Para esses trabalhos Cristiano usou da mesma metodologia, ou melhor, um plano preestabelecido. Ele não gosta de definir um método, pois fotografia significa criação e conceitualmente não existem receitas para a criatividade. Se para Pablo Picasso “criação é antes de tudo um ato de transgressão”, para Cristiano criação é também a busca de situações imprevisíveis, quando o fascínio da descoberta e do imponderável traz o inegável prazer das conquistas de imagens inesperadas.

O que Cristiano consegue determinar previamente é o equipamento, seus inúmeros acessórios e o filme. O início do trabalho é precedido de um ritual: acordar bem cedo; andar muito a pé, a velocidade ideal para a descoberta das sutilezas do cotidiano; observar atentamente os caminhos da luz; perceber os fluxos das pessoas, as fachadas e os detalhes dos edifícios, ora escondidos pela incidência da luminosidade, o conjunto das ações; e finalmente, esperar pelos acontecimentos, com a impressão de que foi o primeiro a chegar. Apesar dessa prévia e frágil organização, o acaso pode acontecer a qualquer instante, e às vezes até antes mesmo de chegar ao local a ser fotografado. E tudo aquilo que fora planejado, é envolvido por desvios aleatórios e, porque não dizer, saudáveis.

Esse trabalho, sempre solitário na maioria das vezes, envolve exploração, paciência, reflexão, e muito cuidado para evitar a repetição. Segundo Cristiano, “estas descobertas representam o ponto fundamental de meu envolvimento com a fotografia. Dispensso qualquer aparato técnico que me possa inibir e mesmo perturbar o curso natural das coisas. Caminhando pelas ruas, observando seu movimento e batendo nas portas das casas, vou ao encontro de algumas coisas que jamais imaginei que poderiam existir”.

O trabalho de Cristiano Mascaro é marcado por um romantismo e por uma atmosfera absolutamente genial. O fotógrafo não quer uma cidade pitoresca, e sim registrar as suas diversidades que se multiplicam em plena luz do dia. Uma profusão de imagens como um grande espetáculo da vida urbana, uma massa de atividades individuais que generalizam a vida e a energia da cidade, e que fazem o real parecer mágico e estranho, em qualquer cidade do país. É assim que ele vê as cidades através de sua Hasselblad, para imaginar o seu mundo. As cidades são uma desordem permanente, onde tudo - pessoas, automóveis, arquitetura, nuvens, sol - está num terrível descompasso, onde cada elemento pertence a mecanismos diferentes sobre os quais não temos controle. De repente, num momento de magia e de prazer, as coisas se harmonizam, e o que ninguém viu, transforma-se numa imagem de Cristiano Mascaro. Ele consegue, numa fração de segundos, construir uma forma de veracidade.

Cristiano Mascaro é o nosso fotógrafo de cidades. Ele trabalha a memória urbana com inquietante precisão e complexidade. Apesar de ser, por excelência, o fotógrafo da

cidade de São Paulo nestes últimos 25 anos, prefere ser identificado como fotógrafo de cidades. Mas é difícil alguém fotografar São Paulo com tanta liberdade, competência, originalidade e prodigiosa imaginação. Ele flagra a cidade como um espetáculo transitório e único que, fixado na fotografia, ganha a magnitude de representação real.

É incrível como Mascaro registra o cotidiano das ruas e dos interiores, dos pequenos encontros e dos desencontros, nesse turbilhão, nesse caos, nessa desordem permanente que são as cidades metropolitanas. É sempre um desafio aos olhos entender sua fotografia, marcada não pela repetição, mas pela poesia e pela surpresa.

Ao contrário do carioca Militão Augusto de Azevedo, que fotografou São Paulo com simplicidade e produziu num espaço de 25 anos, o famoso Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo, ao contrário do suíço Guilherme Gaensly que registrou a euforia da cidade na virada do século com a finalidade de documentar as transformações urbanas provocadas pelo regime republicano e eternizar a metrópole emergente; o paulista Cristiano Mascaro fotografa São Paulo para valorizar sua exuberância, desvendando aos poucos o mistério, o fantástico e a magia do imponderável.

Longe dos excessos, como Atget em Paris no início do século, Mascaro coleciona imagens registrando ora o inesperado diante do vazio, ora a plenitude do silêncio. Tal qual um flâneur, anda pelas ruas da cidade buscando a riqueza e a variedade de um tema aparentemente único. André Breton, um dos papas do surrealismo, afirmava que “a rua é o único campo legítimo de experiência”, e Mascaro sabendo disso potencializa o espaço da cidade como cenário de um teatro de improviso onde a melancolia, a excitação alucinada e a imprevisibilidade compõem sua representação. Essa visão, ao mesmo tempo precisa e complexa, transforma-se nas características essenciais do seu trabalho: curiosidade, procura e descoberta.

Aos poucos algumas fotografias de Cristiano Mascaro adquirem o status de verdadeiros ícones do nosso tempo. A fotografia do Viaduto do Chá visto do alto, expressa no fluxo contínuo dos seus personagens, nas sobras expressionistas e nas linhas inclinadas, o mundo de contingências, de transitoriedade e de encantamento típico da pós-modernidade. A fotografia da Avenida São João, vista do topo do edifício Altino Arantes (antigo Banespa), mostra os paradigmas que enriquecem a totalidade do seu olhar: a sutileza e o equilíbrio das linhas, dos volumes, dos movimentos e do jogo de luz e sombra. Algumas fotografias revelam uma total ausência de referência e um assumido ponto de vista estético; outras, como os seus retratos, transformam o mais simples dos cidadãos num misterioso e expressivo personagem.

Robert Doisneau, uma das suas influências, falando de sua abordagem na cidade de Paris, afirmou: “Paris est un théâtre où on paie sa place avec du temps perdu”. Mascaro persegue, com paixão de um principiante esse momento único de organização do caos urbano. Ele cria um universo sem glamour e um sistema de representação em que predominam a imaginação e a celebração da tensão limítrofe entre a ordem e a desordem.